

O SENTIDO DA VIDA E TERCEIRA IDADE

Cezar Luís Seibt¹

Resumo: Há uma preocupação cada vez maior com a qualidade de vida das pessoas, sobretudo na medida em que aumenta a longevidade. Qualidade de vida tem, neste texto, relação direta com o sentido da existência. Uma vida vivida com razões parece ser mais satisfatória e isso podemos verificar, sobretudo, com as pessoas que tem suficiente tempo de vida e que, ao fazer uma retrospectiva desta, encontram aí elementos que contribuem mais ou menos para a realização pessoal. Este texto tem o caráter de pesquisa teórica, buscando em autores de diversos momentos da história a percepção da relação entre o sentido da vida e a terceira idade.

Palavras-chave: sentido da vida, terceira idade, qualidade de vida, desenvolvimento humano.

Abstract: There is a larger concern about the people's quality of life, specially when the longevity increases. In this text, the quality of life has a direct relation with the sense of existence. A life lived with reasons seems to be more satisfactory and this fact can be verified specially with the people who have a large time of life and, in a retrospection, they find in life elements that contribute more or less to the personal realization. This text has a character of a theoretical research, searching in authors of several history moments the perception of the relation between the sense of life and the old age.

Key-words: sense of life, old age, quality of life, human development.

INTRODUÇÃO

Todos têm preocupação em viver uma vida satisfatória e feliz. No entanto, para muitas pessoas, a vida pode tornar-se difícil de suportar, sem sentido e vazia. A maioria das fórmulas que prometem a felicidade e a satisfação, tais como o consumo, o utilitarismo e a técnica, não tem se mostrado sempre como saída para a realização pessoal. Temos sim, diversas alternativas que oferecem

¹ Graduado em Filosofia e Psicologia - Mestre em filosofia. Doutorando em Filosofia pela PUC do Rio Grande do Sul. Docente da Universidade Federal do Pará – UFPA -E-mail: cezluse@yahoo.com.br

prazer imediato, uma alegria ligada ao ter coisas e qualidades pessoais, reconhecimento social e profissional.

Neste sentido se encaminha o presente texto: uma reflexão pessoal que procura reunir o pensamento de alguns autores de diversos períodos da história, a partir de pesquisa bibliográfica, mantendo o foco nos elementos que conferem sentido à existência humana. Teremos presente, em todos os momentos, a possibilidade de visualizar os elementos que garantem tal sentido através do olhar das pessoas de idade avançada, pois é provável que as pessoas que já viveram mais tenham melhores condições de realizar um distanciamento em relação aos envolvimento cotidianos. Elas podem ajudar a vislumbrar elementos essenciais para que a existência seja repleta de sentido e menos fundamentada em elementos exteriores, efêmeros e possivelmente aparentes. Quem já viveu muitos anos, consegue olhar através da cultura atual, ultrapassando o aqui e agora, as ênfases ou tônicas do momento e pode oferecer elementos de reflexão que transcendem perspectivas imediatas. A partir do balanço que a pessoa faz no final da vida é possível constatar investimentos que valeram à pena e que trouxeram satisfação a longo prazo e aqueles que não trouxeram.

Diz Carlson:

Às vezes, penso no balanço que vou fazer da minha vida em meus últimos dias. Sei que vou me perguntar: Como foi minha vida? O que foi realmente importante para mim? Do que me orgulho mais? Como usei meu tempo e minha energia? Como serei lembrado? (...) É preciso começar pensando no fim. Assim, meus objetivos – e o caminho para chegar lá – ficam muito mais claros. Duvido que na hora da morte eu diga para mim mesmo: ‘Devia ter passado mais tempo no escritório’ ou ‘droga, meu saldo bancário não foi tão alto quanto eu esperava’ ou ainda ‘se pelo menos eu tivesse melhorado minha pontuação no golfe e perdido uns quilinhos, a vida teria sido mais completa’. No fim, acho que minhas maiores preocupações vão ser: ‘quanto amor recebi na vida? Como repartí o meu amor? Quem me amou? A quem eu amei? Para a vida de quem eu tive importância? Que serviço prestei ao mundo?’. Tenho certeza de que minha única preocupação será: ‘Terei ou não preenchido minha vida com amor?’ (CARLSON e SHIELD, 2000: 16-7).

Temos aí afirmações que contradizem, em grande parte, o modo de vida que nos é sugerido pela sociedade do mercado. O autor sugere que a consciência da finitude do homem, da limitação do seu tempo de vida, pode ajudar a organizar me-

lhor a existência, estabelecer prioridades para além dos ventos das modas, dos desejos e satisfações imediatos, portanto, 'começar pensando no fim'. Mas sabemos também que entre as coisas que causam certo constrangimento e angústia estão o envelhecimento e a própria morte, o fim. São, no entanto, realidades existenciais e que podem ser encaradas potencialmente de formas diversas. Podem ajudar a entender aspectos essenciais e acidentais na vida, e encontrar elementos que contribuem ou não para a felicidade do ser humano.

Viver bem, com satisfação e qualidade, é o que nos preocupa cada vez mais, mas que, de alguma forma, sempre tem sido objeto de atenção. Os enfoques tem sido diferentes nos diversos períodos históricos, os aspectos considerados como doadores de realização tem sido diversos, condicionados pelas culturas. É necessário averiguar como diversos pensadores se posicionaram diante desta questão, e que propostas têm para que o homem encontre a satisfação e a felicidade na vida.

Assim, Combaz ajudará a esclarecer o modo com a velhice é encarada no mundo moderno, o lugar que lhe resta num mundo cujas leis e valores são ditados pela economia de mercado, assim com Frankl mostrará a necessidade de garantir um sentido para que a vida valha à pena. Cícero mostrará as fraquezas e forças que emergem na idade avançada, enquanto outros autores contemporâneos ajudarão a aprofundar as questões que irão emergindo no decorrer do desenvolvimento do texto.

O IDEAL DE VIDA PRODUTIVA

Começaremos a reflexão com Combaz. Segundo ele (1990: 47-8), encarar a si mesmo, compreender um pouco melhor o que se está fazendo na terra, isso é precisamente o que a sociedade da modernidade consumista acaba impedindo, através da multiplicação infundável de objetos e da produção de uma cegueira geral. Depois de dois séculos de consumismo, foram gerados desejos demais, uns como consequência de outros, determinando sempre novas ações para que estejam satisfeitos. E há um jogo social em que o modelo de um homem produtivo, em pleno vigor físico, relega a uma posição de mediocridade aqueles que não ocupam uma posição de destaque. Uma classe de pessoas torna-se enfraquecida diante das novas regras do jogo. Essa classe são os idosos, cujos conhecimentos e experiências estão muito

além daquilo que se considera como prático e importante. Antigamente, o seu saber era de grande utilidade, mas atualmente parece que nada têm de importante a ensinar e que precisam viver na solidão e na inutilidade o resto de seus anos.

A sociedade “promove um sistema de valores onde os próprios pais valem menos do que nada, porque, de fato, eles não representam grande coisa em vista dos novos critérios: não são bonitos, nem jovens e nem artistas” (COMBAZ, 1990: 121). Além do mais, segundo o referido autor, os idosos representam e nos fazem lembrar das nossas origens, das quais temos vergonha. E, numa sociedade de bem-sucedidos, que estabelece modelos de sucesso em todos os sentidos, freqüentemente o idoso é alguém que continuou simples. Os pais, os avós, que deveriam ser os mais indicados para ajudar a criança a se tornar adulta, foram afastados, desqualificados por uma sociedade que considera o dinheiro, a forma física e o ‘bronzado’ como virtudes essenciais, exatamente coisas que perdem o sentido na velhice.

Da mesma forma Both (2000: 24), na perspectiva da construção de uma Gerontogogia, diz que para a nossa sociedade, a construção da identidade social concentra-se na vida adulta produtiva e aí se esgota. Dessa forma, a ausência de fins dada aos mais velhos empobrece a linguagem e, conseqüentemente o desenvolvimento das funções mentais superiores. Os velhos são excluídos do enriquecimento semântico das palavras, com o que se sentem desambientados e pressionados a perder o sentido da linguagem. Pela perda da qualidade comunicativa e a fragilização das condições nervosas, se estabelece um quadro de múltipla degeneração psicológica e social. Em função disso, deveriam ser dadas constantemente ao ser humano instituições e mediações para o seu desenvolvimento, tais como oportunidades de trabalho, lazer, educação, relacionamentos, para que novos potenciais se manifestem. O desenvolvimento humano é um processo dialético e que, para permanecer no processo evolutivo de seu pensamento, é importante a inserção cultural.

Mas uma questão deve ser posta aqui: essa inserção social e lingüística significa uma adequação aos ideais produtivos e consumistas, ou, caracteriza-se pela valorização da vida em si mesma e por si mesma, independentemente dos valores alimentados pelo mercado?

É também importante notar que a velhice é experimentada de diversas formas, dependendo da atitude diante da vida em geral, de acordo com as aprendizagens, com a capacidade de realizar coisas significativas e de se sentir também importante, signifi-

cativo para si mesmo e para as outras pessoas. As opções que se fez durante a vida dão um contorno e preparam o envelhecimento.

SENTIDO DA VIDA

Viktor Frankl é um dos importantes pesquisadores que compreende o homem como um ente orientado para algo que o transcende, alguém que está empenhado na realização de um sentido, através de algo por realizar ou uma pessoa por amar. A própria natureza do homem o leva a se ultrapassar, a não se contentar consigo mesmo, a se transcender, o que constitui propriamente a essência de sua existência.

Somos levados a pensar que a dinâmica da vida se reduz a um esforço para reduzir as tensões, buscar uma tranqüilização de si mesmo. O restabelecimento do equilíbrio individual, a eliminação das tensões e sofrimentos é concebido como o objetivo final da vida.

[...] ao longo da vida esforçamo-nos por satisfazer várias necessidades, ou seja, reduzir tensões. Trata-se assim, de uma redução de tensões - possam elas ter sido produzidas no âmbito interno ou por estímulos de fora para dentro - tal como aparece na idéia de Freud que identificou no aparelho psíquico o propósito de dominar e liquidar a multidão de estímulos e excitações provenientes de fora e de dentro (FRANKL, 1978: 25).

No seu ensaio *"Para uma antropologia do Esporte"*, Frankl se opõe a essa opinião e diz que "o homem não procura atingir certo estado interior de homeostase ou outro qualquer, mas sim procura voltar-se para as coisas e pessoas no mundo, sem tratá-las como meio para um fim" (FRANKL, 1978: 55). O objetivo final, o que caracteriza a existência humana não é o fato de buscar reduzir tensões, mas a sua 'autotranscendência', único caminho para se conquistar a auto-realização. A este equilíbrio resultante da diminuição de tensões (homeostase), contrapõe Frankl (1978: 56-8) quatro teses que resumimos a seguir:

1. O homem não tende a evitar tensões a qualquer preço, pelo contrário, o homem precisa de tensões, mas tensões sadias, dosadas. Diz ele que o homem necessita de uma tensão específica, como pode ocorrer num campo tensional polar entre ele e um sentido, que espera dele, dele exclusivamente, uma atitude que o realize.
2. Outrossim, o homem procura tensões em função de sua vontade de sentido. Em pesquisas realizadas, as afirmações mais freqüentes são as de que se quer encontrar um sentido e um propósito na vida.

3. Na sociedade atual o homem é incapaz de dotar sua vida de sentido, é existencialmente frustrado. Nela há muito dinheiro, mas não há um objetivo de vida. As pessoas têm *de que* viver, mas não um *para que* viver. Aumenta a disponibilidade de tempo para o lazer e o ócio, resultado dos avanços tecnológicos e do dinheiro, mas o homem não sabe o que fazer, como empregar de forma significativa esse tempo adquirido. O limite de tolerância no suporte de tensões parece que baixou.
4. Dessa forma ele cria artificialmente as tensões que lhe faltam. Em uma sociedade de abundância, começa a se privar de certas coisas, começa a fazer sacrifícios. Exemplo disso é o homem que só se movimenta de carro, elevador, mas que resolve escalar montanhas, explorar os limites e possibilidades humanas.

Não é possível, dessa forma, dizer que a vida deve ser reduzida a um esforço em aliviar tensões, em manter o equilíbrio através da satisfação das necessidades, mas sim, que uma certa dose de tensão é necessária para o crescimento e a manutenção da saúde e satisfação. Há naturalmente uma dose equilibrada e sadia de tensão, que normalmente a própria vida põe diante do homem.

É importante notar que nisso tudo está em jogo um sentido de vida concreto e pessoal, cuja realização se espera e exige de cada indivíduo em particular, mas que somente a existência que transcende a si mesma é capaz de alcançar.

O normal e fundamental (...) não é satisfazer os instintos e as necessidades, a fim de restaurar o equilíbrio psíquico; é essencialmente, ou pelo menos, originariamente, realizar um sentido, concretizar um valor, e só na medida em que assim age é que o homem consegue se realizar. O mundo não é nem um meio para um fim da satisfação dos instintos e das necessidades, nem de expressão de si mesmo na aceitação de um 'projeto de mundo'. A humanidade se coloca absolutamente e irremediavelmente num campo polar de dupla tensão entre o ser e o dever-ser, entre o subjetivo e o objetivo (FRANKL, 1978: 38).

Como podemos notar, a ênfase de Frankl recai sempre no fato de que o sentido da vida não está na satisfação de necessidades egoístas, na busca da própria felicidade que, aliás, quanto mais buscada diretamente mais escapa. Mas está exatamente no sair de si mesmo, na autotranscendência, na doação a uma missão ou pessoa a quem se decide fazer feliz. O mais alto valor não são as próprias preocupações, mas o estar direcionado, ter na perspectiva algo que é mais do que si mesmo. A existência do homem se caracteriza pelo transcender a si mesmo.

Tão logo a existência humana deixa de se transcender, o permanecer em vida se torna sem sentido e impossível. Foi pelo menos a lição que me coube aprender em três anos passados em Auschwitz e Dachau, e os psiquiatras militares em todo mundo puderam verificar que os prisioneiros mais aptos a suportar o cativo eram os que tinham algo por que esperar, um objetivo no futuro, um sentido a realizar. Isso não deve também ser válido para a humanidade e sua sobrevivência? (FRANKL, 1978: 52).

É significativa a questão que Frankl levanta. Ele acredita que não é só a nível pessoal, individual que se necessita de um sentido, mas também é preciso perguntar por um sentido que dê à humanidade em geral, como um todo, condições de sobrevivência, de qualidade de vida e felicidade. Poderíamos acrescentar, um sentido que faça cada pessoa chegar com dignidade e boas condições até a velhice.

Para o ser humano, a realização do sentido se dá pela efetivação de valores, mesmo que isso implique em sofrimentos, e não pela satisfação dos instintos:

[...] sempre que realizamos valores, estamos cumprindo o sentido da existência, estamos impregnando-a de sentido. Os valores podem ser realizados de três modos distintos: criando algo, o mundo, por exemplo; experimentando algo, como seja, abrindo-nos para o mundo, para a beleza e a verdade da vida; finalmente, sofrendo, sofrendo a existência, o destino (FRANKL, 1978: 235).

Em outra obra chamada *"Psicoterapia e sentido da vida"* (1989: 81-84), o referido autor denomina de valores 'criadores' aqueles que se realizam mediante um ato criador, pela ação do homem sobre o mundo, a realidade. Outros são por ele chamados de 'vivenciais', pois se realizam mediante a acolhida do mundo, na entrega à beleza da natureza ou da arte. Ainda outra categoria de valores que podem conferir significado à existência são os de 'atitude', ou seja, a postura que se toma diante de um destino imutável, como seja, a valentia diante do sofrimento, a dignidade na ruína e no malogro.

Como pensador existencialista, e de um ponto de vista terapêutico, Frankl acentua que é fundamental ajudar o ser humano a passar de uma situação de "paciente" para a de "agente" na vida. Diz ele que "não nos poderemos contentar em levá-lo à vivência da sua existência como ser-responsável perante as possibilidades de realização de valores; temos que mostrar-lhe também que a missão, por cujo cumprimento é responsável, é sempre uma missão específica" (FRANKL, 1989: 91). Para ele, o caráter próprio dessa missão do homem é de ser única e

irrepetível, ou seja, é a de cada ser humano e, ao mesmo tempo, é de cada situação particular, aqui e agora. Com isso, toda decisão deixa de ser algo abstrato e se torna algo totalmente ligado à situação presente do indivíduo. Diante da liberdade fundamental de decidir a atitude a ser tomada diante de cada circunstância específica, o sujeito se torna plenamente responsável pelo que escolhe ou deixa de escolher. Ele se torna responsável por realizar as suas possibilidades únicas e que não se repetem, ou por permitir que as próprias situações o conduzam.

Com o que dissemos, já fica claro que o sentido último do homem não é ele mesmo. Frankl aponta para algo diferente quando diz que

a logoterapia, como análise existencial, não só indaga mas leva em conta a transitoriedade essencial da existência humana, sua atitude frente à vida temporal, a morte, sua angústia existencial, sua inquietação ou nostalgia de infinito, na busca de um sentido último da existência... afirma a esperança no poder de resistência do espírito humano e aponta para o Absoluto (in XAUSA, 1988: 208).

As situações concretas e particulares em si mesmas também não podem conferir sentido, pois estão inseridas dentro de uma totalidade, de um projeto maior cujo horizonte é revelado pela finitude do homem, pela sua morte. Além disso, é introduzida aqui a dimensão da fé transcendente, a confiança no Absoluto, que tem condições de dotar de sentido os momentos singulares e até o sofrimento. Nos parece que aqui é possível introduzir o significado do amor, que Frankl apresenta como a atitude básica da vida, que caracteriza a própria transcendência.

VELHICE: CONSTRUÇÃO PASSO A PASSO

Dito isso, passaremos novamente para algumas considerações que Combaz apresenta. Ele (1990: 147-9) acredita que a velhice possibilita originar um sentimento de amor, que permite encarar tudo o que se vive como coisa singular e trágica ao mesmo tempo. Mas isso só se torna possível quando a infância, a juventude e a vida adulta vão preparando a pessoa para essa atitude.

Parece haver, diante da possibilidade iminente da morte e diante da doença

[...] uma forma de amor que nada exige, que nada deseja, e que se contenta em abraçar a realidade do olhar, sem amargura e sem paixão alguma (...). Um amor primeiro que não tem sexo, nem nome,

nem rosto, do qual todos nós nos originamos e ao qual voltamos na derradeira idade de nossa vida” (COMBAZ, 1990: 147).

Numa descrição que demonstra grande sensibilidade, continua ele dizendo que esse amor “tem as mãos vazias, não tem objeto definido, é imóvel, paciente e silencioso. Não põe ninguém à prova, não teme nem odeia. Não leva a lugar nenhum. Portanto, não temos necessidade de correr atrás dele” (1990: 149). Assim, a velhice está próxima do sentido da vida por tocar tão de perto o sentido da morte. A proximidade da morte, o afinamento das habilidades físicas, a tranqüilidade que começa a ser conquistada, até com grande sofrimento, recolocam a vida numa nova perspectiva. Importa mais o amor desinteressado, dos pequenos gestos, gratuito, que não se agita constantemente mas que se move na paciência.

E, de forma muito clara, Steglish diz que:

[...] a necessidade de se amar e ser amado manifesta-se e expande-se em todas as direções. Quem ama é automaticamente amado. A necessidade de sentir-se útil encontra sua afirmação no procurar servir e ajudar (...). Otimismo exagerado e pessimismo são dois venenos a serem evitados nessa fase da vida. A melhor forma de construir a própria personalidade, em qualquer fase da vida, é sempre edificar sobre o alicerce da realidade. Isto torna as pessoas felizes e mais realizadas na medida em que a auto-realização é possível (1992: 61).

Parece muito claro que uma idade avançada feliz e realizada necessita ser construída passo a passo. Não é possível uma mudança brusca em um determinado momento da vida, para que ela tenha mais qualidade. A qualidade de vida se aprende e se constitui através de hábitos de saúde, de relacionamentos e de compreensões que são exercitadas desde a mais tenra idade. Diz o mesmo autor que “as pessoas envelhecem de maneira coerente com a história de suas vidas. A pessoa sempre será o que foi, ainda que com novas configurações” (1992: 48).

Isso talvez implique em mudanças significativas no nosso modo enraizado e oficializado de ver as relações e as diversas situações ligadas ao trabalho, à produção. Implica também numa revisão do modo de compreender o homem e sua relação com as demais pessoas. E, além do mais, uma revisão do modo como utilizamos a natureza e uma avaliação dos valores que nos guiam nas nossas opções pessoais, coletivas e na política.

GERONTOLOGIA

Both (2000), no que se refere ao idoso, desenvolve um pensamento que busca mostrar que é necessário oferecer oportunidades de investimento psicológico no advento da velhice, propiciar objetos de paixão para que não haja sentimentos de desvalorização pessoal que levem ao progressivo definhamento. O autor afirma que:

[...] a principal característica da desumanização na terceira idade é que a sabedoria e a intimidade ficam sem objetos mediadores. A crise de identidade na terceira idade, portanto, consiste em não haver meios substanciais na tradição da cultura e da sociedade para o exercício da expressividade. A perda do sentido social da vida, pela aposentadoria ou pelo esvaziamento das formas tradicionais da prática da intimidade, deixa os mais velhos desorientados e, em conseqüência, sem as mediações sociais relevantes para as práticas do potencial da sabedoria e da intimidade. (...) O potencial de desenvolvimento, sem as mediações, torna-se empobrecido (BOTH, 2000: 61).

O papel da escola e de outras instituições sociais é o de potencializar o desenvolvimento de forma favorável através da criação e do oferecimento de opções intelectuais, afetivas e artísticas, acesso aos bens culturais. Um ensino qualificado, que proporcione uma visão criativa sobre o cotidiano, pode desenvolver a aptidão de se encantar com a vida, realizando tarefas interessantes. A escola tem a vida como responsabilidade, portanto deve desenvolver um currículo que ofereça oportunidade de desenvolver aptidões e habilidades, tais como as artísticas e relacionais.

O envelhecer não significa por si mesmo a perda da capacidade de aprendizagem e envolvimento com atividades significativas. É necessário desconstruir essas compreensões precipitadas para que surja uma nova representação social do idoso, tanto dele para consigo mesmo como da sociedade para com ele, que contemple a sabedoria e a intimidade. Essa representação deverá poder valorizar a maturidade alcançada pelos velhos, a competência específica adquirida por eles para olhar o mundo. Além disso, é fundamental que ela resgate a dimensão afetiva em toda a sua densidade e a intimidade que leva à simplicidade e que solidariza a pessoa com todo o universo natural e humano. Nisso concorda Erikson (in KAPLAN, 1997: 78) ao afirmar que uma vida só adquire satisfação e realização na velhice, na medida em que a pessoa tenha chegado ao estágio da generatividade e intimidade. A única forma de afastar o desespero, a sensação de

inutilidade e o medo da morte é adquirir esse senso de finalidade e a certeza tranqüila de que a vida valeu à pena.

É importante também ressaltar que o idoso precisa aprender a lidar com as constantes perdas de que vai sendo vítima e isso se dá ao longo de toda vida, mas de forma muito acentuada quando a velhice se aproxima. Essas perdas se dão a nível biológico, psicológico e social, e se associam ao próprio processo de envelhecimento. E, essa capacidade de lidar com as mudanças que se impõem não pode mais se apoiar nas habilidades e capacidades que antes eram sua segurança.

É necessário desenvolver e oferecer situações pedagógicas que sejam mediadoras no processo de envelhecimento. Que, ao mesmo tempo em que favoreçam o acontecimento próprio da passagem do tempo e de suas conseqüências, propiciem também a manutenção das capacidades de conferir satisfação nas relações e atividades da velhice.

SABER ENVELHECER

Cícero, na sua obra *"Saber Envelhecer"* (1999: 12), diz que vê quatro razões possíveis para que se ache a velhice detestável. A primeira é que ela nos afasta da vida ativa. Em segundo lugar, ela enfraquece nosso corpo. Ainda, ela nos priva dos melhores prazeres e, finalmente, nos aproxima da morte. Mas em seguida, ele argumenta mostrando que estas aparentes 'perdas' não são assim tão detestáveis, mas que são até uma vantagem em relação a muitas coisas das idades anteriores.

[...] se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas, ao contrário, pode muito especialmente se valer (CÍCERO, 1999: 18-19).

Interessante que esse autor também aconselha as pessoas a manterem a sua mente ativa durante toda a vida, de forma que a memória se conserve em pleno funcionamento. Quanto mais exercitada, melhor e com mais qualidade cumpre sua função.

E, de forma muito sábia, observa Cícero que "a natureza dota cada idade de qualidades próprias. Por isso a fraqueza das crianças, o ímpeto dos jovens, a seriedade dos adultos, a maturidade da velhice são coisas naturais que devemos apreciar cada uma em seu tempo" (1999: 29).

Considerando sua experiência pessoal, observou ele que quanto mais avançava em idade, tanto mais se moderava. Nos banquetes sentia menos o prazer dos sentidos e apreciava mais a companhia dos amigos e das conversas, e não sofria por ser privado daquilo de que não tinha saudades. Mas isso não significa que a velhice não aproveita também dos prazeres mas, por considerá-los distantes, os aproveita suficientemente.

Uma vez liberada a alma, se posso dizer, das obrigações da volúpia, da ambição, das rivalidades e das paixões de toda espécie, as pessoas têm o direito de se isolarem para viverem enfim, como se diz, consigo mesmas! Se podemos nos alimentar de estudos e de conhecimentos, nada mais agradável que uma velhice tranqüila (CÍCERO, 1999: 40).

Diante das afirmações de que os velhos são mal-humorados, rabugentos, atormentados, objeto de que essas são qualidades que se pode imputar a qualquer idade, e não somente à velhice. Tudo isso poderia, mesmo assim, ser compreensível nos mais velhos, já que têm diversas de suas habilidades diminuídas e passam por muitas perdas.

Quanto à morte, já que esta se aproxima cada vez mais e muitas vezes já bate à porta, é necessário que seja encarada de frente. Cícero acredita que é necessário contentar-se com o tempo que nos é dado viver, seja qual for. Mesmo sendo ele curto, sempre há tempo suficiente para que se possa viver na sabedoria e na honra. Ele se expressa assim: “a maneira mais bela de morrer é com a inteligência intacta e os sentidos despertos, deixando a natureza desfazer lentamente o que ela fez (...) os velhos não devem nem se apegar desesperadamente nem renunciar sem razão ao pouco de vida que lhes resta” (CÍCERO, 1999: 56).

Visão muito positiva e otimista da vida e da velhice, essa vivida e expressa por Cícero. Fala da velhice como a culminância e expressão máxima de tudo o que é construído nos períodos anteriores de vida. Uma infância, adolescência e vida adulta bem vivida são o prenúncio de uma velhice também agradável e alegre, podendo se tornar muito prazerosa pelas diversas ocupações menos utilitaristas e calculistas que então são permitidas. Deixa bastante claro que não é com muitos apegos, posses e realizações exteriores que se chega a uma velhice desejável, tanto que diz que “todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza” (1999: 9). Assim, uma vida tranqüila pode levar a uma velhice pacífica e suave.

COMEÇAR PENSANDO NO FIM

Assim como a infância está intimamente relacionada com o início da vida, a morte o está com o fim. A morte atesta a finitude da existência. O esforço científico, tecnológico e até ideológico do ser humano, pode ser interpretado enquanto uma tentativa de fugir à morte, à finitude. No entanto, o homem e a mulher continuam no tempo, encaminhando-se inexoravelmente para a morte. A consciência do fato da morte é, na verdade, a possibilidade de encarar a vida como ela é e não como gostaríamos que fosse, ou seja, ela é finita, de possibilidades limitadas.

Fraiman diz que “a partir da meia idade, em contato íntimo com a morte, as pessoas costumam fazer seu balanço de vida, e a clarear seus conceitos e concepções sobre a vida e a morte” (1988: 140). Continua dizendo que, se se fizer uso do bom senso, perceber-se-á que só se é inútil, quando se permite a si mesmo sê-lo. O corpo, naturalmente, com o tempo vai envelhecendo. Repensar a educação e o trabalho, bem como refletir sobre si mesmo, pode ser um bom início rumo a melhores condições de vida, não só para si mesmo mas também para os contemporâneos e as gerações futuras.

Dentro do mesmo espírito Albisetti ensina que

[...] a proximidade da morte mostra a cada um, como um raio, as coisas que realmente tem valor na vida, arrancando as crostas superficiais e reduzindo profundamente as neuroses, conduzindo cada pessoa até o núcleo central da própria individualidade, onde pode deparar-se com a visão real de toda sua vida, do universo inteiro, e, finalmente, onde surge o significado de todas as coisas, o sentimento profundo de tudo: Deus (1997: 91).

Como já foi dito, a proximidade da morte abre as pessoas para um olhar possivelmente mais objetivo sobre a realidade da existência humana. Há, no entanto, o fato de a maioria das pessoas terem medo de pensar sobre e de encarar a realidade da morte, entre todas a mais certa do ser humano. Buzzi diz que “pensar na morte é ouvir e interpretar a vida em todas as suas formas; é debruçar-se sobre ela no vigor e na ternura de mil e uma ocupações. Ao pensarmos na morte, crescemos na competência de viver, porque baixa sobre nós a iluminação plena da vida” (2000: 147). E para Montaigne, “quem ensinasse os homens a morrer, os ensinaria a viver” (in BUZZI, 2000: 147).

O medo da morte e a angústia que ela provoca, leva as pessoas a um ritmo acelerado de vida, a uma ocupação cons-

tante com a produção, com a realização de tarefas, a uma busca constante para ocupar a mente com idéias, sonhos e modas. Leva também a que a velhice seja ocultada de todas as maneiras, tanto pessoalmente, como pela sociedade. Estratégias de auto-engano são desenvolvidas para evitar o confronto com os sinais de que o tempo não pára e que o ser humano é limitado por ele.

Por isso, é preciso resgatar, no mundo atual, a consciência da morte, o que não deve ser entendido como a preocupação mórbida, doentia do homem que vive obcecado pela morte inevitável. Tal atitude seria pessimista e paralisante. Ao contrário, ao reconhecer a finitude da vida, reavaliamos nosso comportamento e escolhas, e podemos proceder a uma diferente priorização de valores. Por exemplo, se tomamos como valores absolutos o acúmulo de bens, a fama e o poder, a reflexão sobre a mortalidade torna ridículos esses anseios, privilegiando outros valores que nos dão maior dignidade. Essa mesma reflexão, no nível planetário, nos ajuda a questionar os falsos objetivos do progresso a qualquer custo. A consciência da morte nos ajuda a questionar não só se nossa vida é autêntica ou inautêntica, mas também se faz sentido o destino que os povos legaram para seus herdeiros (ARANHA e MARTINS, 2000: 334).

Tudo isso faz pensar na responsabilidade pela própria existência. Sendo o tempo de existência limitado, não é possível deixar tudo para depois, sobretudo as coisas que consideramos importantes e das quais com certeza nos arrependemos se não as realizarmos enquanto são possíveis. Nessa responsabilidade há algo de temível e também algo de sublime, no dizer de Frankl.

Temível é saber que a cada momento arco com a responsabilidade pelo momento seguinte; que todas as decisões, as de menor e as de maior monta, são decisões para toda a eternidade; que em cada momento realizo ou desperdiço uma possibilidade [...] condenando todas as outras simultaneamente ao não-ser [...] Não obstante é sublime [...] o que eu realizar com essa decisão, o que com ela 'criar no mundo', é qualquer coisa que ponho a salvo na realidade, preservando-a da caducidade (1989: 66).

O passado está irremediavelmente guardado, não pode ser modificado. Causa tristeza guardar somente coisas e acontecimentos que não trouxeram efetiva satisfação. E mais sério ainda é o fato de que o ser humano é, de certa forma, as experiências que viveu, as escolhas que fez. Somos, portanto, mais responsáveis pelo que nos tornamos na vida do que em geral pensamos. É a consciência da morte ou mais precisamente, as suas conseqüências, tais como o sentimento de efemeridade, transi-

toriedade e responsabilidade, que podem colocar a vida numa perspectiva mais autêntica, e podem ajudar a reorientar opções, preferências e atitudes para quem ainda se encontra teoricamente mais afastado da efetividade da morte.

Interrogar pelo essencial pode ser uma coisa muito pouco comum hoje em dia, sobretudo para as pessoas que se pensam e se dizem sérias, mas é legítima essa preocupação e interrogação para quem quer viver autenticamente e com sentido. É só o ser humano que pode colocar-se diante da vida, distanciar-se mediante a transcendência e perguntar pelo sentido e pela validade das suas escolhas e ações, assumindo responsabilidade pela sua existência pessoal e também coletiva.

REFERÊNCIAS

- ALBISETTI, V. **De Freud a Deus**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- ARANHA, M. L. e MARTINS, M. H. **Filosofando – Introdução à Filosofia**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- BOTH, A. **Identidade Existencial na Velhice. Mediações do Estado e da Universidade**. Passo Fundo: UPF, 2000.
- BUZZI, A. R. **Filosofia para Principiantes – a Existência Humana no Mundo**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CARLSON, R. e SHIELD, B. **Os Caminhos do Coração**. RJ: Sextante, 2000.
- CÍCERO, M. T. (103-43 aC). **Saber envelhecer**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- COMBAZ, C. **O elogio da Idade – em um mundo jovem e bronzeado**. Trad. José Ceschin. RJ: Nova Fronteira, 1990.
- FRAIMAN, A. P. **Coisas da Idade**. SP: Editora Hermes, 1988.
- FRANKL, V. E. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Trad. R. Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **Psicoterapia e Sentido da Vida**. 3 ed. São Paulo: Quadrante, 1989.
- KAPLAN, H. et alii. **Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. Trad. Dayse Batista. 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REALE, G. e ANTIERI, D. **História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média**. São Paulo: Paulinas, 1990.

STGLISH, L. A. **Crises Normais na Vida Adulta: dos 18 aos 80 anos de idade. A aposentadoria: problemas e soluções**. Passo Fundo: UPF, 1992.

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

Artigo Recebido em: 11/07/06

Aprovado em: 02/10/06